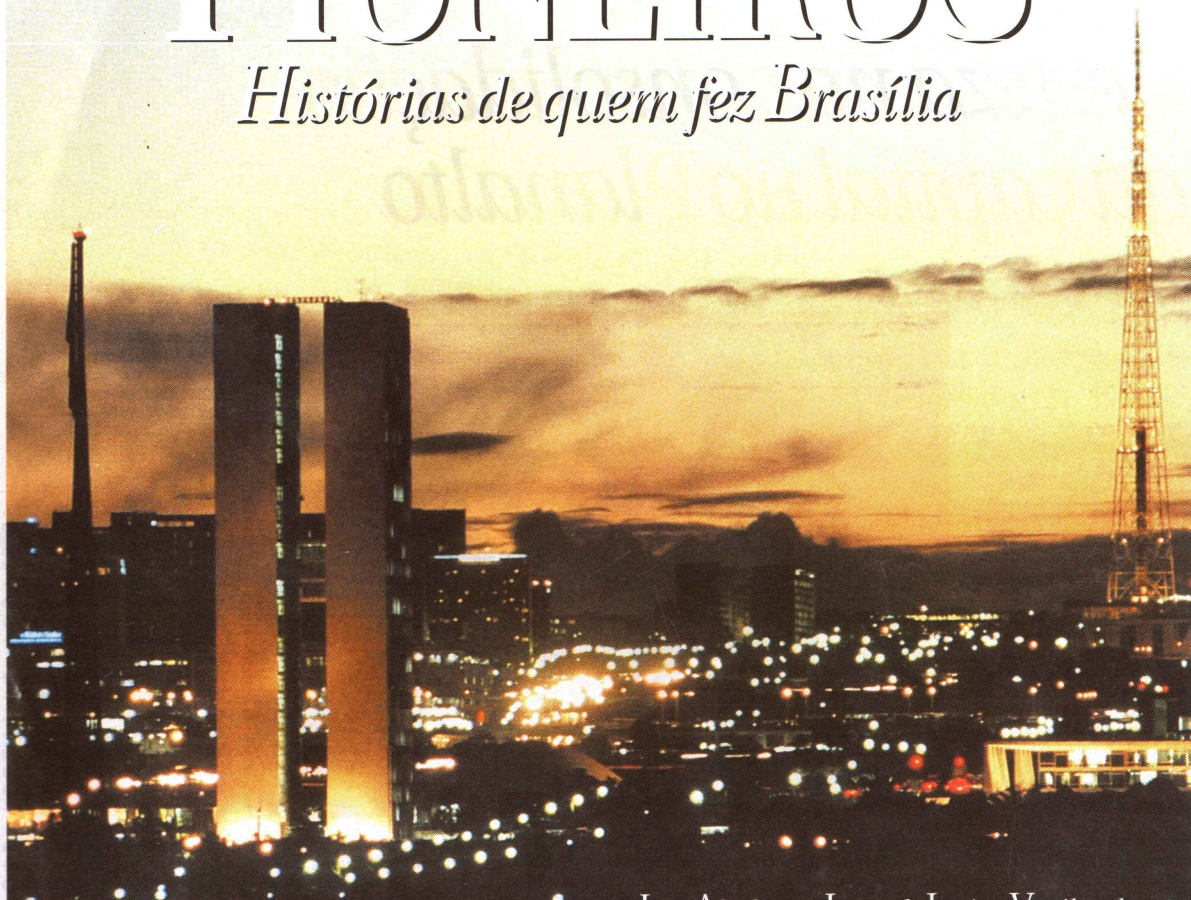


PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

Romão de Oliveira 21.04.97

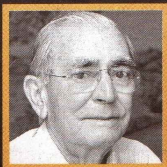


Ao contrário da maioria das cidades brasileiras, Brasília foi planejada e minuciosamente desenhada e construída com o objetivo de trazer o progresso para a região Centro-Oeste. Aos poucos, o faroeste da Cidade Livre foi sendo substituído pela moderna capital de hoje. A vida durante a construção foi difícil, mas recheada de encontros e solidariedade. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília* estão reunidas as lembranças dos moradores deste tempo.

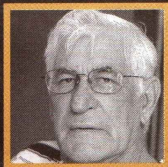
Carolina
Coutinho



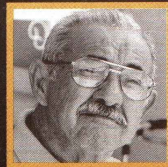
Edson
Barra



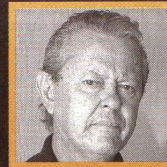
João Alcides
Homar



Luzardo Jacó
de C. e Silva



Varilandes
Gonçalves



PIONEIROS



Carolina Castelo Branco Coutinho

Certeza na consolidação da capital no Planalto

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Bastavam alguns minutos em pé no início de qualquer superquadra do Plano Piloto para que alguém, gentilmente, oferecesse carona para onde quer que fosse. O gesto, repetido inúmeras vezes por camaradas e desconhecidos, era característica marcante da Brasília que Carolina Castelo Branco Coutinho, 74 anos, viu crescer.

Esposa do jornalista Benedito Coutinho, falecido em 1978, Carolina chegou ao Distrito Federal por influência do marido, mas sempre apostou na consolidação da nova capital: "Nunca achei possível o retorno do Distrito Federal para o Rio porque era mesmo necessário desenvolver o centro do país", afirma.

A primeira imagem da cidade permanece viva em sua memória: "Tive a impressão de estar em uma cidade interplanetária, igual à das historinhas de Flash Gordon", conta. Era dezembro de 1960 e Brasília já estava inaugurada. Carolina visitava a capital a fim de conhecer a cidade para onde se mudaria dentro de seis meses. Coutinho vivia aqui há alguns meses como diretor da sucursal da revista *O Cruzeiro*

ro, que ficava na 707 Sul. *O Cruzeiro* era a revista de maior circulação no país.

O jornalista morava em um apartamento na 107 Sul, entregue pelo Grupo de Trabalho de Brasília (GTB) como parte da cota de imóveis para funcionários da Câmara dos Deputados, na qual ele estava credenciado. "Todos os órgãos do governo federal tinham uma cota de imóveis a receber", explica Carolina. "E cada órgão tinha um número de jornalistas cadastrados", completa.

As vantagens de Brasília Moradia barata e melhoria salarial eram os atrativos oferecidos a profissionais como Coutinho pa-

ra que aceitassem o desafio de viver em uma cidade ainda em construção. Nos primeiros dois anos em Brasília, os funcionários públicos, por exemplo, além de ter os salários dobrados, recebiam dois anos a mais de registro na Previdência Social para contar para a aposentadoria por tempo de trabalho.

Até a inauguração, em abril de 1960, muitas obras foram concluídas em tempo recorde. Mas nos anos seguintes ainda havia muito a ser feito. Na Asa Sul, por exemplo, os blocos da maioria das quadras já estavam prontos, mas as áreas livres não estavam gramadas. Nesses espaços abertos, Carolina conta que era co-

mum ver *lacerdinhãs*, grandes redemoinhos de vento que chegavam a atingir a altura dos prédios de seis andares.

Algumas quadras ainda estavam inteiras por construir. "Quando cheguei, na quadra 207 Sul só existia um acampamento do Ipasi", conta. "Também vi as quadras 307 e 308 Sul serem construídas por completo", conclui. A Asa Norte era uma mata fechada por onde passava o Eixão. Apenas algumas superquadras 400 estavam prontas.

A cidade mantinha o aspecto de canteiro de obras e o comércio era muito precário. Mas seria mais fácil acompanhar o crescimento dos filhos e estar próxima

O CASAL BENEDITO E CAROLINA VEIO PARA BRÁSILIA TRABALHAR E ACOMPANHAR O CRESCIMENTO DOS FILHOS COM TRANQUILIDADE

do marido em Brasília do que no Rio de Janeiro, onde o casal vivia. Coutinho teve que vir antes de Carolina porque a filha mais nova, Flávia, na época com um ano de idade, contraiu uma virose que necessitava de cuidados médicos específicos.

Até julho de 1961, data em que Carolina mudou-se definitivamente para o Distrito Federal, Coutinho dividia seu tempo entre o Rio de Janeiro e Brasília: "Ele ficava uma semana aqui e uma lá", afirma. Assim que a saúde da criança melhorou, Carolina decidiu-se pela mudança.

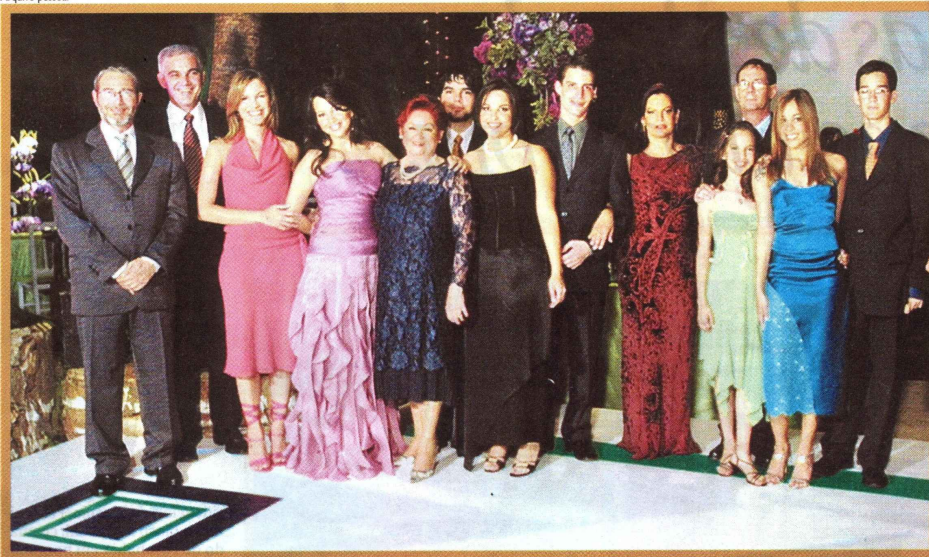
No Rio de Janeiro, trabalhava como escriturária do Ipasi em regime de meio período. Quando Jânio Quadros assumiu a Presidência da República, entretanto, instalou o regime de período integral para todos os trabalhadores. Por conta disto, Carolina pediu licença não remunerada no órgão para poder cuidar de Flávia e mais dois filhos pequenos (o mais velho tinha dez anos). Para isto, Brasília seria perfeita.

A vida de Coutinho melhorou muito na nova capital. No Rio de Janeiro, onde trabalhava na revista e ainda no *O Jornal*, o jornalista só tinha contato com a família à noite ou nos raros momentos de folga. Em Brasília era diferente. A política concentrava-se toda

PIONEIROS

A pioneira trabalhava com escriturária do Ipasi no Rio de Janeiro, mas sua vinda para Brasília está relacionada com a decisão do marido jornalista de mudar para a cidade

Arquivo pessoal



NOS 15 ANOS DA
NETA, TODA A
FAMÍLIA REUNIDA

na Esplanada dos Ministérios, facilitando a locomoção e aumentando a proximidade com os acontecimentos.

A relação com os colegas e algumas autoridades também era fortalecida aqui. "Sempre convidávamos as mais diversas pessoas para almoçar em nossa casa", diz. "Muitas vezes eu deixava tudo preparado sem saber quem viria", completa. O Planalto Central era possivelmente, naquela época, o único local onde um jornalista podia almoçar em casa, junto à família. O atendimento médico para a filha era feito no Hospital Distrital (Hospital de Base).

As diferenças entre as duas capitais, primeiro no litoral e depois no cerrado, era evidente para Carolina. "Parecia que estávamos mais perto da política aqui, pelas notícias nas rádios e nos jornais", diz. "Nos outros estados, entretanto, as notícias demoravam um pouco a chegar", com-

“**APÓS A ENTRADA DOS MILITARES NO PODER NÃO HOUVE MAIS DÚVIDAS DE QUE ISSO NÃO ACONTECERIA (VOLTA DA CAPITAL PARA O RIO DE JANEIRO), ERA ESTRATÉGICO PARA ELES PERMANECER AQUI**”

pleta. Tal fato foi fundamental para a consolidação da capital em Brasília após o golpe militar de 1964. "Até este ano, os boatos do retorno do Distrito Federal para o Rio eram constantes", recorda-se. "Após a entrada dos militares no poder não houve mais dúvidas de que isso não aconteceria, era estratégico para eles permanecer aqui", conclui.

Projeto democrático

Em 1963, Carolina voltou a trabalhar no Ipasi, onde permaneceu até 1968. Depois de ser selecionada em um concurso público, passou a integrar o quadro de funcionários da Câmara dos Deputados.

Até 1966, nenhum apartamento funcional podia ser adquirido em Brasília e qualquer pessoa, independente de classe social ou nível cultural, podia residir em um apartamento do Plano Piloto. "Este era o projeto de Niemeyer e

Lúcio Costa", revela. "Não deu certo porque aos poucos, depois da venda dos imóveis, muitos decidiram vender o ágio dos apartamentos e casas e mudaram-se para as cidades satélites que nasciam", justifica.

Para residir nos apartamentos, era preciso pagar uma taxa mensal simbólica. Ninguém era proprietário dos imóveis. Em 1966, entretanto, o presidente Castelo Branco decidiu colocar os imóveis à venda por meio de um financiamento da Caixa Econômica Federal. As famílias tinham prazo de 30 anos para pagar, sem juros e correção monetária nos primeiros anos.

Nesta época, Carolina e Coutinho não estavam mais na 107. Viviam em um apartamento maior na 105 Sul, conseguido em 1963 após uma permuta com um deputado que recebera dois apartamentos por causa do tamanho da família. Carolina vive lá até hoje.

Raio X

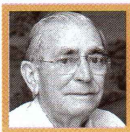
Nome:
Carolina Castelo Branco Coutinho
Idade:
74 anos
Origem:
São Luís, Maranhão
Ano de chegada a Brasília:
1961
Profissão:
Funcionária pública aposentada
Marido:
Benedito Coutinho (falecido)
Filhos:
Marcos, Leonardo e Flávia
Netos:
Sara, Clarice, Guilherme, Juliana, Adriano, Rafael, Isadora e Fabiana.

GDF

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chivacatti, Steh Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

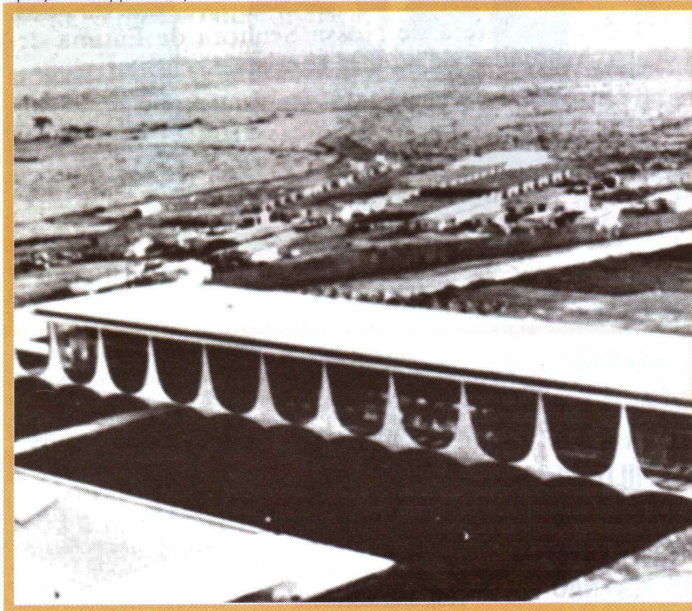
Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados



Edson Contente Barra

Jornadas de dia e de noite para concluir as obras

Reprodução do livro *A Epopéia da Construção de Brasília*



NA ÉPOCA QUE EDSON CHEGOU EM BRASÍLIA, UMA DAS ÚNICAS CONSTRUÇÕES CONCLUÍDAS ERA A DO PALÁCIO ALVORADA

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Vinte dias. Esse era o tempo que o paraense Edson Contente Barra havia previsto para ficar em Brasília. A vinda para cá tinha um motivo. Cobrir as férias de um engenheiro, funcionário da construtora Flávio Espírito Santo, de propriedade de seu cunhado. “Eu estava de férias e o Flávio me pediu para trabalhar alguns dias aqui. No entanto, vim e estou aqui há 45 anos”, contabiliza o candango.

Nascido na histórica Cametá (PA), às margens do rio Tocantins, o pioneiro deixou para trás a vida estável em Belém, um bom salário, os pais e irmãos. Na época, Edson desfrutava do privilégio de trabalhar na maior companhia aérea da América Latina, a Real Aerovias. Vendida para a Varig no final da década de 50, a antiga companhia dispensou os funcionários, inclusive Edson que passou a ser disputado pela compradora (Varig) e pela Paraense Transportes Aéreos. A escolha não foi nenhuma das duas. Ele preferiu vir para Brasília. “O engenheiro da construtora Flávio Espírito Santo que havia saído para fazer uma cirurgia em São Paulo voltou, mas resolveu abrir uma firma independente. Então eu acabei ficando por aqui e trabalhando na construção civil”, explica. Segundo o pioneiro, naquela época havia emprego para todo mundo, trabalho era o que não faltava. Ninguém ficava de-

sempregado na capital.

■ A princípio, Edson se mostrou um pouco receoso com o projeto de Juscelino. Mas, com o tempo foi se acostumando com a idéia. “Aqui não tinha nada. E o pior é que tínhamos que inaugurar Brasília até abril de 1960”. O candango tinha razão. Em menos de um ano (ele chegou em julho de 1959) tinha que estar pronto a capital do país para a inauguração. Uma missão quase impossível. “Para isso, nós trabalhávamos dia e noite”. Quando Edson chegou aqui, Brasília se resumia apenas a

algumas casas na W3, ao Palácio Alvorada — que estavam prontos — e à rodoviária, ao Congresso Nacional e ao Hospital de Base, ainda em construção. “A Asa Norte então, nem existia. No local era só mato”. A saudade da família apertava cada vez mais e quase fez Edson arrumar as malas para voltar a Belém. “No início pensei em voltar. Aqui não tinha nenhum atrativo e além do mais tinha muita saudade dos irmãos e de meus pais. Eu tinha uma vida boa, tranquila, mas hoje não me arrependo”, afirma.

O tempo foi passando e com ele aumentava ainda mais a responsabilidade nos trabalhos. Com seis meses, morando na capital, Edson se tornou sócio do cunhado e passou a responder pela administração da Flávio Espírito Santo. A construtora não tinha escritório fixo, funcionava num barraco de madeira improvisado nas próprias obras. “Ora estava funcionado no Lago, ora no Eixão ou na Esplanada”, explica o sócio.

O pioneiro foi responsável pelas primeiras construções re-

sidenciais de Brasília. Pelo primeiro bloco na 311 Sul, chamado de Parahia em homenagem aos dois sócios (um baiano e outro paraense) e pelo bloco ao lado onde está o edifício Flávia Hilca, em homenagem à sobrinha. A construtora também assinou outras importantes obras como o bloco da 408 Sul, cujo nome foi escolhido em homenagem à sua filha, Ana Paula, e pela pavimentação da 311 Sul que serviria de passagem da comitiva presidencial no aniversário de Juscelino Kubitschek. A marcação era acirrada. Segundo o sócio da construtora, o presidente da Novacap, Israel Pinheiro, mandou um recado avisando que a obra teria de ser inaugurada impreterivelmente em 12 de setembro. “Para entregar a obra a tempo tivemos que dar duro, mas concluímos num prazo recorde de dezesseis dias”, conta o sócio. A areia e o cascalho para a construção da passagem foram comprados do empresário Joaquim Roriz, que “possuía umas dragas lá no rio Corumbá”. Os problemas sempre apareciam nas horas mais impróprias. Principalmente com os equipamentos. “A gente usava muito aqueles motores a gasolina e eles

PIONEIROS

O pioneiro veio trabalhar na construção da cidade, a convite do cunhado, durante seu período de férias em Belém. Virou sócio da empresa e está até hoje em Brasília

EDSON COM A FAMÍLIA NA CIDADE QUE ESCOLHEU E SE ORGULHA DE MORAR



sempre davam problemas. Talvez fosse porque funcionassem exaustivamente. Às vezes a gente improvisava ou apelava para a gambiarra mesmo", conta.

Apesar de todas as dificuldades, o tempo curto e o ritmo apressado nas obras, "fazíamos tudo com muito amor, havia muita amizade entre os operários e a confiança entre os trabalhadores era muito grande". O pioneiro recorda de alguns boatos que aconteciam vez ou outra e que mudavam o ambiente nas obras. Foi durante a construção dos viadutos, nas proximidades da ponte do Bragueto, no Eixo Norte. O pioneiro conta que os operários ficaram trabalhando até altas horas na obra que deveria ser entregue e inaugurada pelo novo presidente, Jânio Quadros, no dia seguinte, às 10h. "Corria um boato de que o presidente iria suspender todos os pagamentos da Novacap para fazer uma averiguação dos contratos da época". Os operários terminaram o serviço às 3h da madrugada e correram para a Companhia Urbanizadora para receberem o pagamento com medo de uma possível suspensão. "No outro dia o presidente tomou posse, a obra foi inaugurada e não aconteceu nada", lembra Edson. "Eram apenas boatos, nessa época não havia corrupção ou irregularidades, todos trabalhavam honestamente", acrescenta.

A vida social

Após a inauguração da capital, o ritmo de trabalho diminuiu e o pioneiro pode aproveitar melhor a noite no Planalto. Se é que havia diversão naquela época. "Eu ia para Goiânia dirigindo um jipe com tração nas quatro

“**A GENTE USAVA MUITO AQUELES MOTORES A GASOLINA E ELES SEMPRE DAVAM PROBLEMAS. TALVEZ FOSSE PORQUE FUNCIONASSEM EXAUSTIVAMENTE. ÀS VEZES A GENTE IMPROVISAVA OU APELAVA PARA A GAMBIARRA MESMO**”

rodas, uma vez por mês. Quando não ia para o Rio de Janeiro, porque em Brasília não havia mulheres", afirma. Nem as péssimas condições da estrada — naquela época não era asfaltada — impediam a viagem do solteiro. "Eram muitos homens para pouquíssimas mulheres", observava Edson. Apesar da ausência delas, foi aqui mesmo que ele conseguiu uma noiva. Foi na Novacap, durante uma de suas visitas a trabalho. "Nos conhecemos em janeiro de 1961 e nos casamos em novembro do mesmo ano". A cerimônia de casamento foi longe daqui, em Araxá (MG), terra natal da secretária dos órgãos colegiados da Novacap, segundo ele, um cargo muito importante na ocasião. De volta à capital, o casal foi morar na 408 Sul. "Depois a Idé teve direito a um apartamento na 315 Sul, onde moramos há mais de 40 anos".

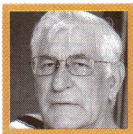
O ex-morador do Brasília Palace Hotel era frequentador assíduo do Paranoá clube, na Candangolândia. "Lá não tinha nada, mas era o local onde a gente se reunia". Era num barracão de madeira que funcionava o clube. "Nos finais de semana o pessoal organizava uma festa e contrata-

va uma orquestra, formada aqui em Brasília mesmo. E ali a gente dançava e se divertia". Segundo ele eram cem homens para cada dez mulheres. "Quem tinha namorada levava a sua e quem não tinha ficava só olhando", lembra. Edson também costumava frequentar a boate do Brasília quando morava lá. A diversão no hotel não durou muito, menos de um ano, quando ainda era solteiro e aguardava o término de um galpão na 513 Sul.

Pai de dois filhos, o advogado — formado na segunda turma de Direito do UniCeub — nem imagina como seria sua vida caso tivesse voltado para o Pará. "Me sinto bem morando aqui. Gosto muito da cidade e de seu povo". O maior orgulho do pioneiro é poder ajudar os outros. Desde 1967, ele monitora cursos de noivos na Arquidiocese de Brasília. "Antes havia apenas um curso, que funcionava no auditório da Novacap, onde hoje é a Secretaria da Fazenda. Começamos com oito casais até chegar a 200". O sucesso do curso acabou obrigando o pioneiro a dividi-lo em grupos. "Hoje o curso de noivos funciona em 57 paróquias, onde são realizados cerca de 250 cursos por ano", comemora.

Raio X

Nome: Edson Contente Barra
Idade: 71 anos
Origem: Cametá, Pará
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Empresário e advogado
Estado civil: Casado
Casado com: Idé Aparecida Bittar Barra
Filhos: Ana Paula e Edson Netos: Thiago e Matheus

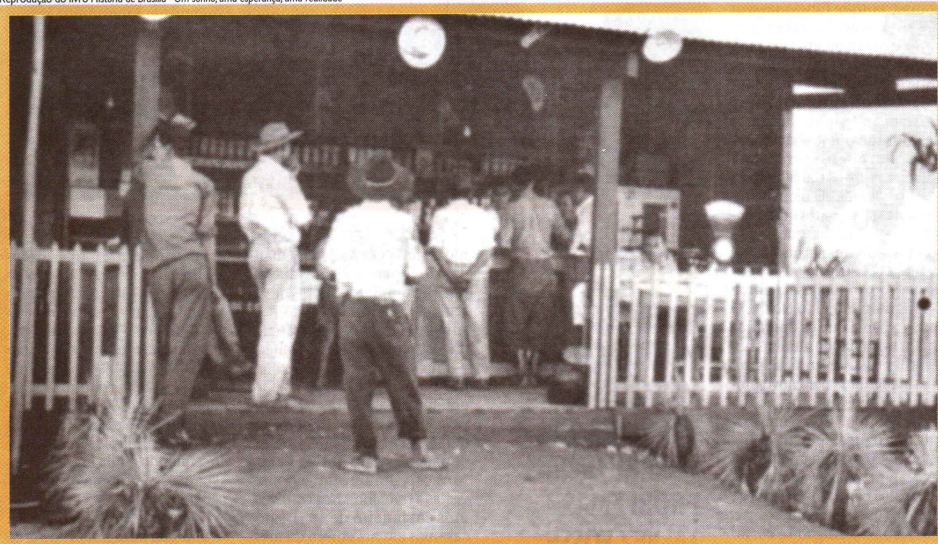


João Alcides Homar

O talento para o desenho trouxe grandes ideias para as granjas que abasteceriam o D

Uma terra de muito trabalho e oportunidades

Reprodução do livro *História de Brasília - Um sonho, uma esperança, uma realidade*



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O espírito de pioneirismo está no sangue deste desbravador. E não é por menos. O avô de João Alcides Homar foi um dos responsáveis pela abertura da fronteira do Centro-Oeste com a construção da ferrovia que ligava o Triângulo Mineiro a Goiás — a Araguari-Anápolis.

Com o pai, Nicolau, de origem russa, e a mãe Adelina, o pequeno João saiu da cidade de Araguari rumo a Goiás quando tinha apenas três anos de idade. Após concluir o ginásio no Liceu de Goiânia, o sonho de fazer carreira na Aeronáutica levou o jovem estudante ao Rio de Janeiro, onde cursou o científico. Mas o sonho de se tornar engenheiro da Aeronáutica teve de ser abandonado após sofrer um acidente aéreo na época da incorporação. A volta para Goiânia significou vida nova para João Alcides, que descobriu seu talento com o desenho.

A cidade promissora que nascia bem ao lado era um convite para o jovem empreendedor que buscava melhores oportunidades. “Eu queria muito trabalhar em Brasília”, afirma o então funcionário da Secretaria de Viação e Obras do Estado de Goiás. O engenheiro trabalhava no Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Estado. “Nessa época, eu

estava fazendo o desenho da área onde hoje está o Catetinho, quando um colega me disse que estavam montando o Departamento de Topografia de Brasília e que precisavam de um desenhista”. Amigo do governador de Goiás, José Ludovico de Almeida, a vinda de João Alcides para a nova capital, em dezembro de 1957, era quase certa. Uma carta de recomendação do governador, para ser encaminhada ao engenheiro Bernardo Sayão, era tudo que ele trazia. “Era muito difícil falar com ele. Mas eu tive tanta sorte que assim que desci do ônibus, naquela tarde, dei de cara com o en-

genheiro”. Satisfeito, o pioneiro mostrou o bilhete a Sayão que o encaminhou logo ao Dr. Travassos, chefe do Departamento de Viação e Obras da Novacap, que afirmou que a vaga era para o Departamento de Terra e Agricultura — DTA. O primeiro emprego na capital não seria difícil.

A chegada ao Núcleo Bandeirante, porta de entrada de muitos pioneiros, também impressionou o mineiro. “Aqui era tudo diferente. Ainda mais para quem vinha de uma cidade como Goiânia, com ruas e tudo mais. A cidade parecia um cenário de filme de faroeste”, lembra. O comércio,

os bancos, a poeira, a rusticidade das habitações e o vai-e-vem dos visitantes, vestidos a caráter, era a primeira imagem que os visitantes tinham ao desembarcar nessas terras. “Mas, em nenhum momento pensei em voltar. Só vim para cá porque acreditava no futuro da cidade, assim como todos que vieram trabalhar aqui”.

O Hotel Souza foi o primeiro endereço do desenhista. “Eu fiquei lá apenas uns dias, até me mudar para o acampamento da Novacap, na Candangolândia”, conta o novo morador que dividiu o quarto com mais dois colegas.

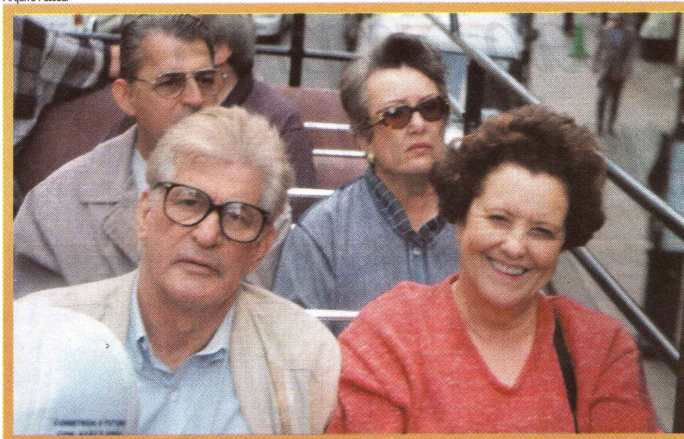
NA CIDADE LIVRE, JOÃO SE SENTIU COMO NUM FILME DE FAROESTE

O teste, para o ingresso no DTA foi feito junto à equipe do arquiteto Lúcio Costa, e é lembrado nos detalhes. “Me pediram para fazer uma cópia da fachada do Palácio Alvorada”. Aprovado no teste, ele começou a trabalhar lá no mesmo dia e com a promessa de ganhar o dobro do salário.

Foi no Departamento de Terra e Agricultura que ele, ao lado dos demais colegas, realizou grandes

foi pioneiro para a cidade que nascia em 1957. Aqui ele foi responsável pelas plantas das Mansões Dom Bosco e do Distrito Federal, além do projeto urbanístico do Park Way e das Mansões Dom Bosco

Arquivo Pessoal



JOÃO COM A ESPOSA SONY EM MOMENTO DE DESCONTRAÇÃO

projetos. “Fizemos todas as plantas das granjas do Distrito Federal.” O desenhista foi responsável pelos projetos da Granja do Ipê e Granja do Torto, além do projeto de urbanismo das Mansões Dom Bosco e Park Way. “As granjas faziam parte do programa de abastecimento da região — na do Ipê seria implantada a fruticultura e na do Torto a criação de gado.”

Com talento de sobra e agilidade nos traços, o desenhista lembra de um fato inusitado quando ainda trabalhava no DTA, durante os preparativos de um seminário sobre os programas de abastecimento da nova capital. Enquanto desenhava os gráficos que seriam utilizados na palestra, o funcionário da Novacap acabou levando um grande susto. “Eu estava concentrado no trabalho, quando de repente alguém bate nas minhas costas e pergunta: Como é que é, vai dar para terminar isso a tempo?” Era Juscelino Kubitschek. “Eu nunca tinha visto um presidente de perto na minha vida”, conta emocionado. “Juscelino era muito popular. Me lembro quando ele costumava almoçar no SAPs (restaurante) e pousava de helicóptero num campinho de futebol que existia ali do lado. Os operários acabavam de almoçar e iam jogar uma pelada e aí quando ele chegava era uma loucura, todo mundo queria cumprimentá-lo e os guardas tinham que chegar e afastar o pessoal”, recorda o ex-administrador do Núcleo Bandeirante.

A vinda da família

A estabilidade no emprego garantiu a vinda da família de João

Alcides, de Goiânia para Brasília, no final de 1958. O pioneiro trocou o acampamento na Candangolândia pelo conforto da quadra 39 da Fundação da Casa Popular, na W3 Sul. Ao lado da esposa, Sony, e das filhas Clisses e Cleide, ele recomeçou uma nova vida na capital. “Depois de algum tempo no DTA eu fui para a Secretaria de Viação e Obras do Distrito Federal”, afirma o arquiteto que trabalhou um bom tempo ao lado do presidente da Novacap — Jofre Mozart Parada. Segundo João Alcides, a toda hora chegava gente para trabalhar. “Uma vez contrataram um cidadão do Rio de Janeiro para trabalhar nos serviços de topografia da Novacap. Ele se apresentou no departamento pessoal e deram a ele um teodolito (aparelho usado na topografia para fazer as medições)”. Com uma caminhonete ele seguiu para o campo. Uma semana depois, o departamento enviou um fiscal para fazer a vistoria dos serviços e o encontrou sentado. “A reação foi imediata. O encarregado de fazer a vistoria perguntou se ele havia feito o serviço e o carioca respondeu que estava tentando abrir o aparelho. Na verdade ele era topógrafo e não topógrafo”. Conta

“**AQUI ERA TUDO DIFERENTE. AINDA MAIS PARA QUEM VINHA DE UMA CIDADE COMO GOIÂNIA, COM RUAS E TUDO MAIS. A CIDADE PARECIA UM CENÁRIO DE FILME DE FAROESTE**”

Alcides que naquela época era tudo feito às pressas e de forma manual, nem máquinas de escrever eram utilizadas. Segundo ele, o tipógrafo acabou se tornando um dos melhores topógrafos da região. “Brasília foi escola para muita gente”, afirma.

O esforço e o desejo de aproveitar as oportunidades que aquela cidade oferecia a quem por ela dava o seu suor, levou o arquiteto a ocupar postos mais altos. Além de administrador da Cidade Livre, que naquela época já era conhecida como Núcleo Bandeirante, João Alcides Homar foi secretário adjunto de Indústria e Comércio do Distrito Federal, diretor técnico da Terracap e diretor do Sistema de Esgoto da Caesb.

Aposentado, o morador da Vila Planalto, onde vive há mais de 20 anos, orgulha-se de seu passado marcado por muito trabalho, companheirismo e dedicação em prol da construção de Brasília. Isto acabou lhe rendendo homenagens e seu maior patrimônio: a família. “Só tenho a agradecer a esta cidade. Aqui eu me formei e constituí uma família — os filhos Claus, Cléber, Clei, Cleon e os netos nasceram em Brasília. Se eu sou alguém hoje eu devo isso tudo a essa cidade”, declara.

O Diploma da Instalação do Governo Federal em Brasília e as Medalhas do Mérito Alvorada e do Mérito Santos Dummont são as maiores provas do reconhecimento da sociedade pelos anos de luta do pioneiro.

Raio X

Nome: João Alcides Homar
Idade: 70 anos
Origem: Araguari, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: Arquiteto
Estado Civil: Casado
Esposa: Aversony Gonçalves Homar
Filhos: Clisses, Cleide, Claus, Cléber, Clei e Cleon
Netos: Fabianne, Philippe, Lavinne, Sabrinne, Caio e Raphael

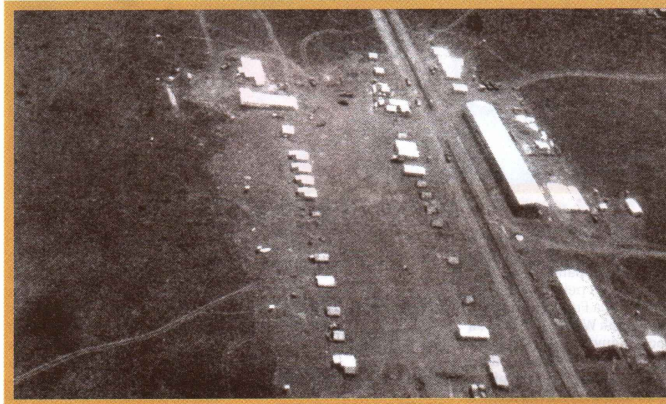
PIONEIROS



Luzardo Jacó de Castro e Silva

Na Novacap, emprego assim que chegou

Reprodução do livro A Epopéia da Construção de Brasília



BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Os relatos do cunhado João Borges, sobre os benefícios que a nova capital traria para aqueles que aceitassem trabalhar em sua construção, incentivaram o cearense Luzardo Jacó de Castro e Silva a deixar Fortaleza em direção ao Planalto Central. Hoje, aos 74 anos, Luzardo emocionase ao lembrar dos primeiros anos na terra hoje consolidada como Distrito Federal.

Um dos primeiros funcionários contratados pela Novacap, Luzardo abandonou o trabalho em um laboratório na capital cearense para ser admitido como auxiliar administrativo da companhia em 15 de abril de 1957. Casado com Cleide Borges Silva e pai de duas crianças de colo, Luzardo veio primeiro sozinho. "Peguei um avião para Goiânia e de lá um ônibus que levou um dia de viagem para chegar aqui", conta. "Cheguei no sábado e na segunda-feira já estava trabalhando", completa.

A Novacap ficava instalada em um galpão de madeira na Velhacap, ao lado da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). A moradia de Luzardo havia sido garantida pelo cunhado, em uma das dez primeiras casas de madeira da região, construídas para abrigar os funcionários da Novacap. Lá viveriam Borges, a esposa, cinco filhos e Luzardo, que, um mês depois, traria a es-

posa e os dois filhos pequenos.

A Cidade Livre já existia, mas só começaria a ganhar o aspecto de cidade meses depois. Naquele momento, podia ser considerada uma pequena vila, com algumas casas de madeira, um mercado, um cinema e a farmácia Moura, nome preservado na memória do cearense.

No caminho entre a Velhacap e a Cidade Livre, ficava um dos poucos restaurantes já inaugurados e que se tornaria ponto de encontro das famílias de imigrantes que começavam a povoar os arredores da futura capital do país — o Maracangalha.

O ritmo de trabalho já era intenso. Luzardo começava o serviço às sete da manhã e voltava para casa depois das seis da tarde, quando anoitecia. A primeira função junto à companhia era anotar todas as despesas feitas

em prol da construção de Brasília.

Um mês depois de instalado na Velhacap, a esposa Cleide desembarcava no primeiro aeroporto de Brasília a bordo do também primeiro voo para a nova capital. "Quando vi o mato, a poeira achei tudo um horror, pensava 'estou ficando louca, o que é que vim fazer aqui?!", conta Cleide. Viver na futura sede da capital da República era um desafio para esta cearense, que nunca havia se distanciado da família. "Sofri muito no início", admite.

Vida nômade

O comércio na Cidade Livre ainda não supria todas as necessidades dos primeiros moradores de Brasília. Cleide recorda-se, por exemplo, de encomendar pacotes de chupetas para as pessoas que iam a Anápolis ou Goiânia.

Luzardo, Cleide e os dois filhos

viveram com João Borges e a família numerosa durante seis meses e mudaram-se para um alojamento que ficava no antigo aeroporto de Brasília. O aeroporto funcionava no mesmo setor onde hoje são feitos os embarques e desembarques aéreos, mas a construção onde chegavam os passageiros era bem simples, também de madeira.

O alojamento fora construído para abrigar os funcionários das empresas aéreas, como aeromoças, pilotos e atendentes. A residência consistia em um enorme galpão de madeira com vários quartos. Luzardo e Cleide ficaram ali por cinco meses e mudaram-se para o acampamento da Metropolitana, próximo à Cidade Livre, no local onde hoje está a Candangolândia. "Quando construíram as primeiras casas de madeira no acampamento, ga-

O PRIMEIRO EMPREGO DE LUZARDO NA CAPITAL FOI NA NOVACAP, QUE FICAVA EM UM GALPÃO DE MADEIRA NA VELHACAP

nhamos logo uma", contam.

A família ganhava um pouco de espaço pela primeira vez depois de quase um ano. A casa da Metropolitana tinha dois quartos, banheiro e água encanada, que vinha de uma ligação feita no Catetinho para abastecer a região.

A estrada que hoje liga a Candangolândia ao Núcleo Bandeirante não existia. Para chegar à Cidade Livre saindo da Metropolitana, era preciso percorrer uma pinguela (ponte estreita de madeira). O acampamento ficava perto do primeiro grupo escolar da região, onde os filhos do casal estudaram por alguns anos. Próximo dali, também havia o único hospital da cidade, administrado pelo IAPI — Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriais. Pouco tempo depois, a pinguela terminou sendo substituída por uma estrada.

Melhorias

A vida melhorava aos poucos, ao mesmo tempo em que a família se adaptava à realidade da futura Brasília. Cleide já não pensava em voltar para o Ceará. Em 1958, o casal tinha o primeiro filho nascido no Planalto Central — Paulo Augusto Borges e Silva. O Hospital do IAPI era simples e também ficava em uma construção de madeira, mas atendia bem às primeiras necessidades do candangos.

No mesmo ano, as primeiras 20 casas do que seria, no futuro, chamado de Plano Piloto, ficaram

PIONEIROS

Em busca das oportunidades que a capital em construção oferecia, Luzardo saiu de Fortaleza rumo a Brasília em 1957. A família veio um ano depois e aqui cresceu e ficou

LUZARDO E CLEIDE, AGORA SOSSEGADOS DEPOIS DE VÁRIAS MUDANÇAS DENTRO DA CAPITAL

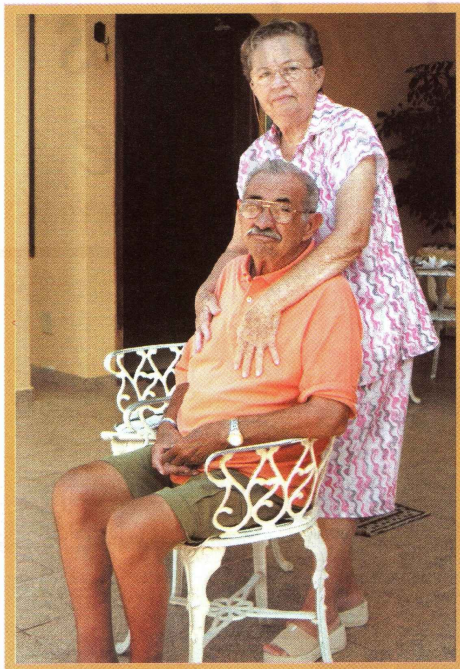
prontas. Eram casas populares, de alvenaria, construídas de forma padronizada, localizadas na quadra 26, hoje 710 Sul. Luzardo foi contemplado com um dos imóveis e terminou mudando-se novamente.

A construção dos blocos de apartamentos da Asa Sul ainda estava no início. A avenida W3 já estava aberta, mas a imagem que se tinha na época é completamente diferente do que vemos hoje — uma rua de mão dupla, sem canteiro central, que cortava grandes áreas de cerrado fechado, entremeadas por poucas casas de alvenaria. No comércio, poucas lojas abertas. A primeira, segundo Cleide, foi a extinta Bibabô, que também tinha sede na Cidade Livre. Em seguida, foram abertos o restaurante Roma e uma panificadora chamada Cruzeiro.

O escritório da Novacap continuava na Velhacap e a escola das crianças na Metropolitana, mantendo os laços da família com a primeira cidade do Distrito Federal. Depois de alguns meses, o escritório da companhia terminou sendo transferido para a 508 Sul. Neste mesmo ano, o segundo filho brasileiro de Luzardo — Marcos Borges de Castro e Silva — nasceu na garagem do hospital do IAPI, por falta de espaço na sala de partos da unidade de saúde.

O pioneiro conta que o presidente Juscelino Kubitschek, por diversas vezes, descia de helicóptero nos espaços abertos próximos à 508 Sul para ir ao escritório da Novacap.

Do Plano Piloto, Cleide recorda-se também do Clube da Novacap, que não existe mais, onde foram organizados os primeiros bailes de Carnaval da cidade, próximo a onde hoje es-



tá o Centro de Convenções Ulisses Guimarães.

A partir de 1959, o movimento de pessoas chegando ao Distrito Federal era intenso. Vinham de todos os estados, principalmente do Rio de Janeiro e do Nordeste. A mistura de costumes e culturas criou um ambiente de liberdade com o qual Cleide não estava acostumada e hoje elogia: “Aprendi a não ver maldade em hábitos que para nós, em Fortaleza, eram tabus, como uma mulher sair sozinha com um homem que não fosse seu marido ou parente.”

De volta à Metropolitana

A vida no Plano Piloto era fácil em comparação aos primeiros meses na Velhacap. Luzardo viveu ali até 1966, mas precisou vender a casa e mudar-se para Taguatinga, que já deixara de ser

invasão e se desenvolvia como cidade. “Passávamos o direito de uso para o comprador e, depois de quitadas todas as parcelas mensais que pagávamos para ocupar o imóvel, transferíamos a escritura”, explica.

Não era difícil arrumar compradores para os imóveis em Brasília depois de instaurado o regime militar, pois não havia mais dívidas de que a capital da República consolidara-se no Plano Central.

O tempo de permanência em Taguatinga não foi longo. A distância entre a cidade e o Plano Piloto era grande na época, pois não havia construções no caminho. Mas o motivo real de mudança da família foi a venda das casas da Metropolitana, local que até hoje provoca saudades em Luzardo.

“Voltamos para a mesma casa

“**PEGUEI UM AVIÃO PARA GOIÂNIA E DE LÁ UM ÔNIBUS QUE LEVOU UM DIA DE VIAGEM PARA CHEGAR AQUI. CHEGUEI NO SÁBADO E NA SEGUNDA-FEIRA JÁ ESTAVA TRABALHANDO**”

onde moramos no início, ficamos lá por seis meses e terminamos comprando outra maior, na Rua Dois da Metropolitana”, contam Luzardo e Cleide. A casa ainda era de madeira, mas a Candangolândia e o Núcleo Bandeirante já estavam bem desenvolvidos. A família viveu na Metropolitana até 1986 porque Luzardo insistia em permanecer ali. “Recebemos o direito de ocupar imóveis na Asa Sul e no Guarará, mas ele não queria deixar a Metropolitana”, conta a filha Ynara.

Dos seis filhos de Luzardo, cinco trabalharam na Novacap. Além do DTI, o pioneiro também trabalhou por vários anos na Divisão de Administração de Imóveis, responsável por destinar os imóveis de Brasília aos funcionários da companhia, que só passaram a ser considerados funcionários públicos em 1960. De cada quadra concluída, no Plano Piloto ou nas cidades satélites, alguns blocos de apartamentos ou casas eram reservadas para a Novacap. Foi assim que, em 1986, Luzardo foi convencido a mudar-se para um imóvel no Guarará, onde hoje vive com Cleide.

Raio X

Nome: Luzardo Jacó de Castro Silva
Idade: 74 anos
Origem: Redenção, Ceará
Profissão: Funcionário público aposentado
Ano de chegada a Brasília: 1957
Esposa: Cleide Lucy Borges e Silva
Filhos: César, Ynara, Paulo Augusto, Marcos, Cláudio e Márcio
Netos: Adriana, Rafael, Isabella, André, Gustavo, Guilherme, Carolina, Rafaela, Natasha, Mariana, Cláudio, Nicholas, Bruno, Lucas, João Paulo, Pedro, Jéssica, Cecília, Geovana, Thaynara, Fernanda, João Vitor e Pedro Henrique
Bisnetos: Pedro Lucas e Sofia

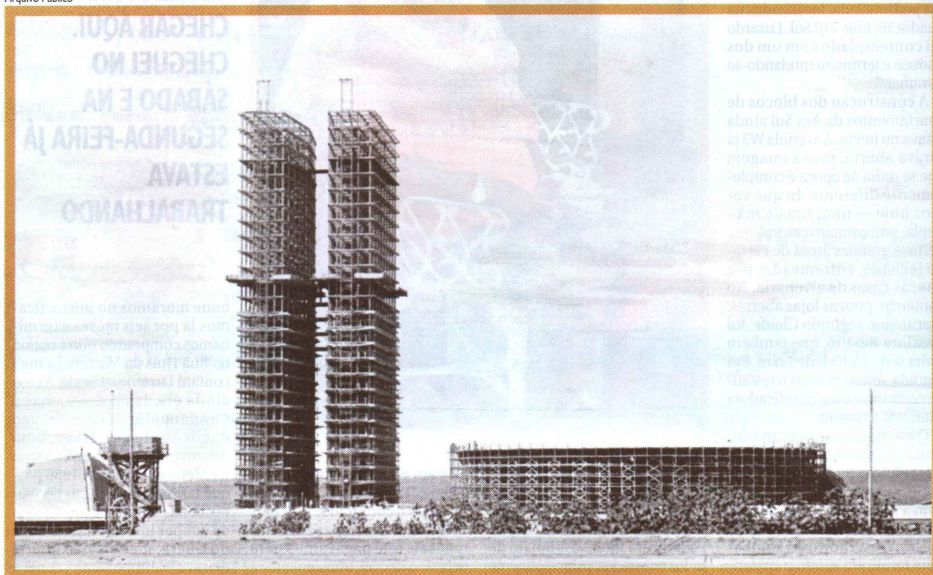
PIONEIROS



Varilandes Gonçalves

Os traços do pioneiro nos quatro cantos da cidade

Arquivo Público



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando Varilandes Gonçalves veio para Brasília acompanhando o cunhado que já morava na cidade, em 1959, só havia uma certeza na cabeça daquele jovem de 18 anos: ele voltaria para Goiânia no final de semana seguinte. Mas não foi bem isso que aconteceu. "O final de semana chegou e eu dizia que iria no outro e assim por diante. Depois comecei a dizer que iria no mês seguinte", diverte-se Varilandes. O "próximo final" de semana acabou durando 45 anos, tempo que o pioneiro está na cidade. "Demorei a me acostumar com Brasília e só não sai daqui naquele tempo porque não tinha dinheiro nem para a passagem. No meu emprego daqui eu ganhava quase quatro vezes menos do que em Goiânia", afirma Varilandes, garantindo que hoje já não se arrepende de ter vindo para cá e reconhece que Brasília foi muito boa para a sua vida.

Apesar desse final feliz, a história de amor entre Varilandes e Brasília não começou da melhor forma possível. "Tinha minha irmã e minha mãe na cidade, mas meus amigos e contatos tinham ficado todos em Goiânia. Aqui as pessoas eram mais isoladas porque os lugares para se divertir eram longe do acampamento onde eu morava", lembra o pio-

neiro que, em um primeiro momento, residiu com o cunhado na Quadra 39 (713 Sul) e depois foi para o acampamento da Novacap, empresa na qual arranhou seu primeiro emprego como contínuo e pela qual se aposentou como fiscal de obras. A Quadra 39 por si só já era uma opção de diversão. "Os moradores eram tão animados e unidos que ficamos conhecidos na cidade como a Quadra da Fofoca", diverte-se Varilandes.

As peladas disputadas entre os acampamentos no fim da tarde, após o expediente, e nos finais de

semana, eram outra opção de lazer encontrada pelos pioneiros. Para chegar ao local das partidas, a Cidade Livre, os atletas enfrentavam uma verdadeira aventura. "Tínhamos que pegar um ônibus na W3 Sul, que descia pela Rua da Igrejinha, passava pelo Eixo e ia até o Núcleo Bandeirante. O caminho era demorado e complicado, mas valia a pena", lembra o centro-avante que chegou a receber uma proposta para jogar no time do Fluminense. "Se fosse o Flamengo me procurando eu ia, mas o Fluminense não era muito conhecido em Brasília naquela

época", provoca o rubro negro.

Na verdade, a primeira vez que Varilandes veio a Brasília, a construção da nova capital federal mal tinha começado. O ano era 1957 e Varilandes fazia parte de uma expedição de seu colégio em Goiânia para que os estudantes conhecessem a cidade. Dessa primeira visita, o pioneiro se lembra que os jovens estudantes ficaram impressionados com o tamanho dos caminhões que trabalhavam na Barragem do Paranoá e com o início da construção de um local que mais tarde seria um dos mais importantes do Bra-

VARILANDES VIU O CONGRESSO NACIONAL AINDA QUANDO ERA APENAS UMA ESTRUTURA METÁLICA

sil. "Vi o Congresso Nacional ainda quando ele era apenas uma estrutura metálica muito alta que se destacava no meio do nada", lembra.

A certeza de que Brasília era realmente uma opção acertada de moradia só veio para Varilandes em 1964, quando ele foi efetivado na Novacap com o cargo de

PIONEIROS

O pioneiro chegou em 1959, não gostou muito da cidade, mas acabou ficando e se apaixonando. Como desenhista da Novacap, seus traços estão no primeiro mapa oficial da capital

COM FILHOS E
NETOS VIVENDO
FELIZ EM BRASÍLIA

“ ORIGINALMENTE O AUTÓDROMO ESTAVA LOCALIZADO NO LADO SUL DO EIXO, MAS QUANDO ELES JUNTARAM OS MAPAS DAS DUAS ASAS VIRAM QUE ELE ERA GRANDE DEMAIS PARA OCUPAR AQUELE ESPAÇO. A SOLUÇÃO FOI TRANSFERIR-LO PARA O LADO NORTE E CRIAR O PARQUE DA CIDADE PARA QUE NÃO FICASSE UM BURACO NO MEIO DO EIXO ”



desenhista. “Sempre exerci a função de desenhista urbanístico lá, mas não recebia como tal. Quando meu cargo efetivamente mudou, meu salário aumentou muito e pude ter estabilidade para morar em Brasília”, explica o pioneiro que aproveitou a oportunidade para casar-se com Ivana Dias, com quem está até hoje, e para comprar uma casa própria em Taguatinga. Dessa forma, em menos de cinco anos, Varilandes assistia ao nascimento de duas cidades: Brasília e Taguatinga. “Quando cheguei em Taguatinga, as casas eram poucas e todas de madeira. Não havia luz e quem quisesse energia tinha que fazer uma gambiarra, como eu e meus vizinhos fizemos”, conta. Outra dificuldade de morar na cidade satélite era o transporte, já que Varilandes continuava a trabalhar no Plano Piloto. “Os ônibus eram poucos e precários. Além disso, só havia uma pista ligando as duas cidades. Quando tinha

acidente, o trânsito era desviado para o Núcleo Bandeirante, provocando uma volta a mais para os trabalhadores”, conta Varilandes, ressaltando que não havia muito engarrafamento porque a frota de carros da cidade era pequena.

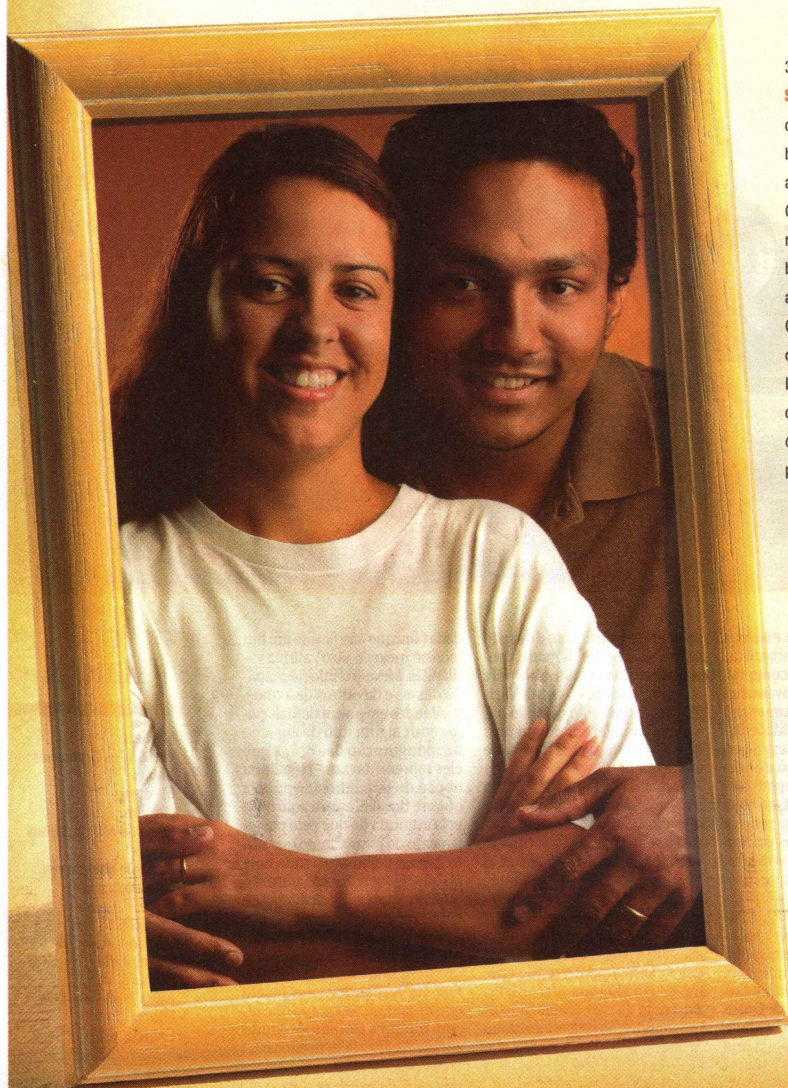
Trabalhando como desenhista e não como urbanista, como faz questão de frisar, Varilandes deixou a marca de seu talento em vários pontos de Brasília. É o caso do contorno dos lagos do Parque da Cidade e de todo o complexo que envolve o autódromo Nelson Piquet. O pioneiro conta que as asas Sul e Norte eram desenhadas separadamente, tendo apenas o Eixo Monumental ou o Eixo como divisão. “Originalmente o autódromo estava localizado no lado Sul do Eixo, mas quando eles juntaram os mapas das duas asas viram que ele era grande demais para ocupar aquele espaço. A solução foi transferi-lo para o lado Norte e criar o Parque da Ci-

dade para que não ficasse um buraco no meio do Eixo”, afirma Varilandes. Mesmo tendo participado desses e de outros desenhos, Varilandes era jovem demais para sentir algum tipo de emoção na inauguração das obras que eles representavam. “Não tinha noção do tamanho da epopéia que era Brasília, estava aqui mais pela aventura do que pelo planejamento do futuro. Tanto que sinto mais orgulho disso tudo hoje do que naquela época”, afirma o pioneiro que já se considera um cidadão brasileiro e garante que, se pudesse voltar atrás, faria tudo como fez. O Plano Piloto também tem em seus traços a mão de Varilandes, pois foi ele que desenhou seu mapa oficial, com direito a assinatura e tudo o mais. Assim quem pegar o mapa e ver as iniciais VG no pé do mapa já sabe que elas significam Varilandes Gonçalves, nome que está literalmente gravado no início da cidade.

Raio X

Nome: Varilandes Gonçalves
Idade: 61 anos
Origem: Patos de Minas, Minas Gerais
Ano que chegou em Brasília: 1959
Profissão: Funcionário público aposentado
Esposa: Ivana Dias Gonçalves
Filhos: Gláucia, Glauco, Stael, Varilandes Junior, Guilherme e Renata
Netos: Pathiara, Tahynara, Danillo e Lucas

O JARDEL E A BIA ESTÃO PASSANDO DO SEGURO-DESEMPREGO PARA O EMPREGO SEGURO.



O Jardel e a Bia estão entre as 300 pessoas que frequentam as **Oficinas da Solidariedade** – programa do GDF que oferece capacitação e requalificação profissional em bordado, pintura, crochê, reciclagem e cozinha alternativa, entre outras. A Bia escolheu a Oficina Trapos e Tratos, que ensina a reciclar roupas e sapatos, confeccionar bolsas e bonecas. O Jardel faz a Oficina de Informática, aprendendo a usar o computador e a Internet. O objetivo deles é ganhar qualificação para conseguir um lugar no mercado de trabalho. Depois, com um salário garantido no fim do mês, o Jardel e a Bia deixarão os programas sociais do governo para que outras famílias também possam ser beneficiadas.

OFICINAS DA SOLIDARIEDADE.
ABRINDO AS PORTAS PARA O MERCADO DE TRABALHO.

